

Dois amigos que ganhei de meu pai

Nossa casa, em Lafaiete, era sempre alegre e muito movimentada. Doze filhos, com o campinho de futebol no quintal, a piscina e uma infinidade de amigos; mesa de refeição, tão grande que se prestava também como mesa de ping-pong. Para o café da tarde, eram tantos meninos – filhos, primos e amigos, que o pão vinha da padaria, numa grande cesta. Os tios e amigos de nosso pai se deliciavam com aquela algazarra diária, onde nossa irmã Regina tentava organizar. Tive a felicidade de viver aqueles inesquecíveis momentos.

Com o passar do tempo, observava a presença dos amigos de nosso pai. Dois eram mais constantes e com eles me relacionei desde cedo. Como consequência, ganhei de meu Pai, dois de seus mais constantes e freqüentes amigos que, por toda a vida, me dispensaram dedicada amizade, carinho e atenção: Eduardo Biagioni Filho e Joaquim de Souza Filho.

Para resgatar um pouco de minhas memórias e em homenagem às famílias destes dois amigos, resolvi fazer uma sucinta descrição de fatos e histórias aprendidas na convivência com eles.

Eduardo Biagioni Filho – a história começa com seu Pai.

Esta amizade tem início, por volta do final da década de 1920. Meu pai, Álvaro tinha como seu vizinho, Eduardo Biagioni, dono da Sapataria da Moda, em Queluz.



Eduardo com seu irmão Delpho, consertavam, fabricavam e vendiam sapatos. Durante vários anos, os sapatos de meu Pai eram feitos, sob medida, pelo senhor Delpho. E, depois, continuaram a ser fabricados, sempre usando a “fôrma” da Sapataria da Moda.

A época, meu Pai era dono da Cia Força e Luz da cidade e tinha um “automóvel”. Em uma sala do escritório, mandou colocar uma mesa de Bilhar. Com freqüência, no final das tardes chamava o amigo Eduardo para irem jogar bilhar. Eduardinho (o filho), menino de 15-16 anos, contava: era seu momento de “glória”. Ele, menino, dirigia o automóvel do senhor Álvaro, para conduzi-los até a Força e Luz. Era um dos poucos automóveis da cidade.



Eduardo Biagioni Filho durante toda vida, cultuou e cultivou a amizade e carinho de seu Pai com meu Pai. Além de sua foto de formatura, dezenas de fotos de nosso Pai com nossa Mãe e meus irmãos foram feitas pelo Eduardo. Gostava de registrar os momentos. Em casa, por toda vida, Eduardo era considerado nosso “irmão mais velho”. Em junho de 1951, já médico, assistiu e compartilhou da dor da morte de nossa Mãe Maria.

Tornei-me seu afilhado de Crisma. Tinha oito anos e ganhei de presente meu primeiro relógio de pulso. Um Longines. Só o colocava no pulso em momentos especiais e nos fins de semana. E com muito cuidado. Os meninos não tinham tal mimo. Sempre que me encontrava com o padrinho, seu cumprimento era com um inesquecível e carinhoso toque em meu rosto. Em 1956 e 57 fui estudar interno no Instituto Padre Machado. Nos domingos, tinha autorização de sair do Colégio, quase sempre para ir a casa da Tia Quita. Por vezes, saía do Padre Machado, seguia pela avenida Parauna (hoje Getúlio Vargas), descia a Afonso Pena, até a esquina com a rua dos Aimorés, onde estava (e está) a destacada casa de meu padrinho Eduardo. Ali, Dona Helena Savassi, sua esposa e seus cinco filhos – Arthur Eduardo, Ricardo, Rodrigo, Renato e Rogério - me acolhiam com inesquecível carinho. Depois do almoço, entrávamos no carro de meu padrinho, que me levava até a casa da Tia Quita, na Rua Thomaz Gonzaga, no bairro de Lourdes.

Já casado, com a Bet e com meus filhos, Eduardo me falava ao telefone, com freqüência. Aconselhava-me em tudo que precisasse, até mesmo sobre questões de saúde. Quando tive que escolher o cirurgião para me operar uma úlcera no duodeno, Dr. João Galizzi – clínico, dentre os nomes sugeriu Dr. Alcino Lázaro da Silva. Por telefone consultei-o. Eduardo me disse: “se eu tivesse que operar minha alma, chamaria o Alcino”. Realmente um homem maravilhoso. Fui feliz no procedimento.

Muito tempo depois, fiquei sabendo que, no início da carreira de médico, trabalharam juntos (Alcino e Eduardo) no principal Hospital da cidade de Entre Rio de Minas.

Certo dia, já casado e com filhos, morando na Rua Rio Verde, no Carmo, a campainha de casa tocou. Era seu motorista, me trazendo um envelope pardo,

tamanho ofício. Numa folha impressa em papel vegetal, que tenho guardado até hoje, me contava um sonho que teve. Veja que sonho mais lindo.

Meu caríssimo afilhado Reinaldo,

Ontem, à noite, caminhando pelo corredor que liga a "Sapataria da Moda" à minha casa, lá no fundo, vi, na casa de cima, que a varanda se encontrava cheia de gente.

A impressão que tive era de que havia uma grande festa que estava sendo comemorada com muita alegria.

Perguntei, então, o que estava acontecendo e "alguém" se apressou em me responder: hoje é o aniversário do papai..

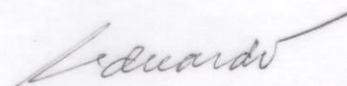
Voltei, o portão da casa estava aberto, subi a escada para abraçar o meu amigo Álvaro, o aniversariante daquela noite, lá me encontrando com a D. Maria, cercada por todos os filhos.

Não sei precisar a data, mas tudo me fazia lembrar, tamanha a precisão, um tempo bem distante, mil novecentos e num dia 18 de janeiro.

Foi um sonho gostoso, acordei feliz, lembrando um passado inesquecível.

Desejo-lhe e aos demais componentes da querida família Castanheira, espalhada pelo rincão mineiro, um "Ano Novo" - 2001 - com muita saúde, muita paz e pleno de felicidade.

Receba o abraço amigo do



Eduardo Biagioni Filho

B. F., 1/1/2001.

Todo ano, até seus 90 anos, sem falta, no dia 18 de janeiro, data de aniversário de meu Pai, meu querido padrinho Eduardo me chamava ao telefone para celebrar a data. Aos 90 anos me disse: "Já completei dois anos mais que seu Pai".

Um amigo inesquecível.

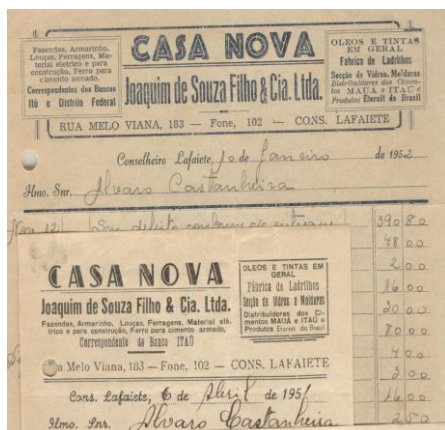
Joaquim de Souza Filho – fragmentos de histórias que me contou.

Jovem tropeiro que trazia lenha da região de Capela Nova e Queluzito para Queluz (Lafaiete).

O tempo passou e Joaquim conseguiu um trabalho na loja de tecidos do Senhor Antonio Milagres. Muito ativo, observador e interessado percebia, de forma simples, o funcionamento do comércio. Muito comunicativo e habilidoso tinha um "tino" especial para o comércio.

Não existia estabelecimento bancário na cidade. Todos guardavam seu dinheiro em gavetas e, por vezes em cofres. Habilmente Joaquim conseguiu, com o correspondente bancário, abrir uma conta e obter talão de cheques. Ao final do dia, passava pelos comerciantes e recolhia o dinheiro que dispunham e dava seu cheque que era mais fácil de ser guardado e poderia servir para efetuar pagamentos aos seus fornecedores. Todo dinheiro recolhido era depositado em sua conta, dando cobertura aos cheques emitidos. Uma "manobra" que deu ao Joaquim credibilidade e elevada movimentação em sua conta bancária. Ainda solteiro, namorava a filha de um português, José Domingos Baeta, homem de posses e muito rico.

Trabalhando na loja do senhor Milagres, no correr do tempo, astuto, identificou uma loja do outro lado da rua, logo acima, que via com grande potencial de comércio e pensou em comprá-la. Imaginou o sonho. Mas precisaria obter um empréstimo para fazer uma oferta ao proprietário. Resolveu conversar com seu "futuro sogro". Tentava obter um empréstimo para realizar a sonhada compra. Foi escoraçado – "você pensa que porque vai casar com minha filha vai botar a mão em meu dinheiro? Não vai não.". Surpreso, aborrecido e entristecido, procura outro conhecido seu, importante comerciante da cidade, também português, senhor Francisco Augusto Durães Castanheira. Senhor Joaquim conta o ocorrido, sua intenção e seu propósito. "Preciso de um empréstimo. Não quero um centavo do senhor José Domingos". E contava com enorme satisfação o que sucedeu: "Álvaro, leve o Joaquim ao escritório, abra o cofre e dê a ele o dinheiro que ele precisa". O cofre era muito grande e repleto de dinheiro. Ali Joaquim obteve, por empréstimo, o dinheiro para concretizar seu sonho. Comprar aquela que seria a "Casa Nova", que por dezenas de anos, teve expressiva presença comercial na cidade.



Uma parte da loja vendia tecidos e roupas de cama e mesa e aviamentos. Na outra, interligada, vendia variada linha de materiais de construção, cimento, lavatórios, vasos, molduras, vidros e espelhos. Senhor Joaquim, visionário, instalou uma prensa para fabricar pisos de cimento, muito úteis para o calçamento de passeios. Numa impensável “jogada de marketing” (imagine seu arrojo), fez uma negociação com a Prefeitura. Os proprietários que fizessem o calçamento do passeio de suas casas teriam redução no

imposto anual a pagar. Com aceitação dos proprietários, ocorreu grande repercussão positiva no negócio. Por décadas os passeios das casas da cidade exibiram os pisos fabricados pela Casa Nova.

Outro lance de visão: o refrigerante Mate Couro. Um dia senhor Joaquim foi a Belo Horizonte e numa oportunidade, dia quente, tomou um refrigerante e gostou. Conversando com o comerciante indagou “quem era o fabricante dessa bebida ?” Foi informado que o fabricante havia morrido e a viúva estaria pensando em fechar a fábrica. Obteve o endereço da viúva, pegou um “carro de praça” e foi conhecê-la. Demoveu-a da idéia de encerrar o negócio e propôs constituir uma sociedade, manter a produção do produto e, depois de organizada a empresa ela teria melhor remuneração para sua venda. A fábrica de refrigerante Mate Couro foi salva. Anos depois, para que pudesse crescer e concorrer no mercado, senhor Joaquim ofereceu ao Dr. Eduardo Biagioni Filho que ficasse com a empresa Mate Couro. Os filhos do Senhor Joaquim, engenheiros e advogado já estavam estabilizados. Eram proprietários de uma grande e promissora fundição e usinagem de Metais (METALIG); Senhor Joaquim ponderou ao Dr. Eduardo, que ele, com cinco filhos, e com a injeção de recursos e novas energias, poderiam dar a dimensão que o negócio propiciava. Assim foi feito e, ainda hoje, a Mate Couro continua sendo o “refrigerante dos mineiros”.

Estava estudando em Belo Horizonte e consegui meu primeiro emprego, com carteira assinada, na METALIG, no bairro Caiçara. Cuidava das tomadas de preços para compra de materiais e fazia os serviços de secretaria, arquivos e datilografia de correspondências. Posteriormente fui trabalhar no escritório comercial da empresa, na Rua dos Caetés, no Centro da cidade. Guardo boas recordações de meus chefes amigos, engenheiros José Baeta e Luiz Alberto e o Dr. Roberto, advogado.

Joaquim de Souza Filho me transmitiu muitas lições de vida; muito me ensinou e guardo, em minhas recordações, com alegria, este amigo que ganhei de meu Pai.